

Oportunidades e fragilidades do turismo industrial

JOSÉ MANUEL LOPES CORDEIRO * [jmlopes.cordeiro@gmail.com]

Nos últimos anos tem-se registado um interesse crescente pelo turismo industrial, que se traduziu no surgimento de inúmeros projetos nesta área, na Europa e noutros continentes, como a América do Norte e do Sul ou na Ásia, e nos quais têm sido apresentadas diversas rotas e itinerários de turismo industrial. Atualmente, o turismo industrial regista uma rápida evolução, passando de simples projetos com caráter exploratório a formas profissionais de oferta turística, com a entrada em cena de empresas procurando explorar um setor que se apresenta promissor do ponto de vista económico. A rapidez com que esta transformação se está a operar tem impossibilitado uma adequada reflexão sobre o tipo de produtos que são oferecidos aos consumidores sobre a denominação generalista de “turismo industrial”.

Nesta comunicação o autor abordará as origens e a atual situação do turismo industrial em vários países que têm conhecido um maior desenvolvimento nesta área, assim como em Portugal, analisando a sua relação com uma adequada fruição do património industrial, apontando as fragilidades que apresenta e também as oportunidades que se lhe oferecem.

1. Surgimento do turismo industrial

Nas últimas décadas o turismo tem vindo a adquirir uma importância crescente, apresentando uma dimensão cada vez maior no conjunto das atividades económicas a nível mundial. Com efeito, o número de turistas internacionais alcançou a cifra de 980 milhões de turistas em 2011, apesar das condições difíceis com que muitos países se confrontaram, prevendo a Organização Mundial de Turismo (OMT) que o número de turistas ultrapasse, pela primeira vez, os mil milhões, em 2012. Segundo a OMT, o turismo constitui uma indústria que é diretamente responsável por 5% do PIB global e 6% das exportações totais, resultados bastante encorajadores, especialmente numa época em que são cada vez mais necessárias atividades que estimulem o crescimento e a criação de emprego. Ainda de acordo com a OMT, as previsões a longo prazo indicam que o número de turistas internacionais será de 1.6 mil milhões em 2020, traduzindo uma taxa de crescimento anual da ordem dos 4%. Deste modo, é compreensível que o turismo seja cada vez mais visto pelas entidades governamentais como um fator estratégico, na procura de políticas dinamizadoras que contribuam para um efetivo desenvolvimento local e regional.

* **Doutorado em História Contemporânea** pela Universidade do Minho. **Professor Auxiliar** do Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. **Board member** do TICCIH (The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage) e **Presidente** da APPI (Associação Portuguesa para o Património Industrial).

Entre os segmentos turísticos que têm vindo a registar um maior desenvolvimento, o turismo cultural assume um particular destaque, constituindo hoje em dia um dos principais motivos que suscitam as escolhas dos turistas. O contínuo crescimento do turismo cultural suscitou, inclusivamente, um alerta sobre os eventuais efeitos negativos que o mesmo poderá causar aos sítios naturais e patrimoniais, nomeadamente os inscritos na Lista do Património Mundial, rompendo o indispensável equilíbrio entre as condições de preservação e a capacidade de acolhimento, o qual foi traduzido na “Carta de Turismo Cultural” promulgada pelo ICOMOS, já em 1976. No entanto, o turismo cultural tem vindo a constituir uma alternativa convincente ao turismo de massas, diversificando e multiplicando a oferta turística, contribuindo para a eliminação do problema da sazonalidade e aliviando a pressão sobre os destinos turísticos histórico-culturais e artísticos mais procurados.

Foi no âmbito do turismo cultural que em 1987, ainda que de uma forma pouco definida, emergiu o conceito de turismo industrial, com o lançamento por parte do Conselho da Europa do Programa dos “Itinerários Culturais Europeus”. É certo que se pode dizer que o aproveitamento turístico do património industrial já se registava há muito tempo, nomeadamente nos países do centro e do norte da Europa, com base na oferta de visitas a sítios e museus industriais. No entanto, como produto turístico estruturado, sob a forma de itinerário ou rota a percorrer pelos turistas, foi com o Programa dos “Itinerários Culturais Europeus” do Conselho da Europa que começou a forjar o conceito de turismo industrial. Efetivamente, a partir de 1987, no âmbito do referido Programa, o Conselho Europa lançou os primeiros itinerários turístico-culturais, abordando quatro temas-condutores específicos – os Caminhos de Santiago de Compostela, do Barroco, do Habitat Rural e as Rotas da Seda –, cada um deles apresentando um interesse histórico, social e cultural suscetível de facilitar a aproximação entre os diferentes povos e culturas da Europa na respetiva

área temática. O Itinerário Cultural sobre a Seda procurava ligar todas as regiões da Europa onde a atividade sericícola e a indústria da seda tinha sido relevante, com base na exploração turística do seu património industrial.

2. O turismo e o património industrial

O crescente interesse pelo turismo cultural verificado nas três últimas décadas, aliado à simultânea valorização registada no património industrial, possibilitou a sua utilização cada vez mais frequente como um importante recurso turístico. Para além das trocas culturais que o turismo industrial faculta, os resultados económicos que derivam da sua exploração têm vindo a contribuir para minimizar os efeitos que a desindustrialização provocou em muitas regiões europeias, que se encontram numa situação de declínio económico e social, através da revitalização de antigas paisagens e sítios industriais, até então encarados como locais feios, sujos, poluídos e desmerecedores de qualquer interesse ou atração.

Deste modo é compreensível que nestas últimas décadas tenham surgido inúmeros projetos nesta área, na Europa e noutros continentes, como a América do Norte e do Sul ou na Ásia, nos quais têm sido apresentadas diversas rotas e itinerários de turismo industrial. Atualmente, o turismo industrial regista uma evolução muito rápida, circunstância que na nossa opinião tem impossibilitado uma adequada reflexão sobre o tipo de produtos que são oferecidos aos consumidores sobre a denominação generalista de “turismo industrial”, a qual, efetivamente, poderá provocar algumas incompreensões. De facto, é necessário assinalar que, numa primeira leitura, a adoção desta denominação poderá parecer desadequada, pois a utilização da palavra “industrial” permite uma possível confusão com uma realidade que não se pretende para esta atividade turística, ou seja, o “turismo de massas”,

também considerado um turismo predatório, que não apresenta quaisquer objetivos culturais, causa impactos negativos nos locais visitados e também não exprime qualquer preocupação com as populações locais. O turismo industrial tem, precisamente, os objetivos opostos.

Não é, contudo, uma tarefa fácil promover atividades turísticas com base no património industrial, principalmente quando se pretende que as mesmas contribuam efetivamente para a salvaguarda do património e também para o desenvolvimento económico e social das regiões onde se desenvolvem. São conhecidos múltiplos casos de projetos fracassados, precisamente porque não foram levadas em consideração as especificidades que a utilização turística deste património requer. Tomando por base as considerações apresentadas por Dietrich Soyez (1993) sobre as oportunidades e riscos do aproveitamento turístico do património industrial, procuraremos, em primeiro lugar, expor as principais dificuldades e obstáculos que se apresentam na elaboração de projetos de turismo industrial.

Cognitivas e/ou culturais – Apesar da afirmação e da notoriedade obtidas pelo património industrial nas últimas décadas, que o tornam cada vez mais reconhecido e popular, subsistem ainda alguns preconceitos de que o mesmo não constitui um bem cultural, com a mesma importância e dignidade do restante património cultural. Do mesmo modo, considera-se por vezes que o património industrial não apresenta um suficiente valor estético que justifique a sua exibição como atração turística, nomeadamente no caso do património mineiro¹. Existem, ainda, situações em que, não obstante a importância histórica do património industrial em causa, este se encontra em ruínas ou em mau estado de conservação, o que justificaria o seu não aproveitamento para fins turísticos. Em nenhum destes casos, ou de outros semelhantes, se podem considerar como válidos os

argumentos apresentados. São por demais conhecidos inúmeros exemplos do valor cultural ou estético, assim como da qualidade arquitetónica do património industrial, e, no caso das situações de ruína, é já altura de as apresentar como ruínas industriais, símbolo da época da industrialização, com o mesmo valor e dignidade das ruínas de épocas mais remotas, que se encontram conservadas e valorizadas, constituindo atrações turísticas com grande procura por parte do público visitante. Para além do mais, o património industrial constitui hoje uma realidade patrimonial plenamente reconhecida pelas mais importantes entidades do setor do património – basta referir a UNESCO –, o seu estudo e investigação figuram nos planos curriculares e centros de pesquisa de universidades prestigiadas de vários pontos do globo, e a sua salvaguarda e valorização encontram-se nas preocupações das mais variadas autoridades governamentais de praticamente todos os países que atuam na área da conservação patrimonial. No entanto, nunca é demais insistir na importância da salvaguarda do património industrial, até para chamar a atenção do potencial que apresenta, tendo em vista o seu aproveitamento turístico.

Económicas – O património industrial apresenta muitas vezes uma particularidade que, não sendo exclusivamente sua, é mais frequente do que noutras categorias patrimoniais: constitui propriedade privada, de empresas ou particulares. Quando as unidades industriais deixam definitivamente de laborar, muitas vezes por razões de falência, surgem habitualmente situações que podem pôr em risco a preservação do seu património industrial, tanto móvel como imóvel, situações essas que frequentemente constituem verdadeiros casos de especulação imobiliária. Os proprietários destas unidades industriais desativadas optam frequentemente por vender os equipamentos das mesmas – cujo destino é, invariavelmente, a sucata – e rentabilizar os terrenos onde aquelas se encontram, através de operações imobiliárias. Quando é encontrada outra solução que não a simples demolição, conservando as instalações industriais, ocorrem

¹ Ver, também, a este propósito, Edwards, J., e Llúrdes i Coit, J., 1996, Mines and quarries: Industrial heritage tourism, *Annals of Tourism Research*, Vol. 23, pp. 341-363.

outro tipo de dificuldades, relacionadas com o investimento necessário à sua recuperação e/ou reutilização, e consequente manutenção. Contudo, quando estas situações se verificarem, é sempre preferível apostar na reutilização, com as vantagens que a mesma oferece, não apenas quanto à preservação do património mas também pelas múltiplas soluções que aquela pode oferecer. Acontece também, por vezes, que o acesso a instalações industriais de grande interesse histórico e patrimonial se encontra vedado a visitas, por motivo de falência das empresas suas detentoras. Nestes casos importa encontrar soluções que contemplem os interesses de todas as partes – empresa detentora e utilidade pública, de modo a ser possível aceder a essas instalações – através de acordos ou de projetos que venham a ser apresentados para a sua reutilização.

Físicas e de natureza ambiental – A localização excêntrica de algumas instalações industriais, assim como as condições ambientais e de conservação com que se apresentam, podem dificultar a sua inserção em circuitos de visita e, deste modo, dificultar o seu aproveitamento turístico. Todavia, é sempre possível ultrapassar estas dificuldades, nomeadamente através do reforço da sua capacidade de atração, ainda que para tal seja necessário efetuar os correspondentes investimentos, inclusivamente no que respeita à oferta de alojamento.

Organizativas – O aproveitamento turístico do património industrial impõe alguns requisitos indispensáveis sob pena de, se não forem assegurados, o mesmo se traduzir num fracasso. O valor patrimonial de um sítio não constitui, por si só, a garantia de que o mesmo se irá transformar numa atração turística. Para tal têm de se criar as condições necessárias à sua transformação num produto turístico – sem colocar em causa a sua integridade patrimonial –, a fim de que o mesmo possa exercer a indispensável função de atrair visitantes. É uma operação complexa, que exige os correspondentes meios humanos e financeiros, infraestruturas de diverso tipo, assim como uma planificação adequada.

3. Organização da oferta turística

A inserção dos sítios de património industrial, assim como dos museus com eles relacionados, no conjunto das atrações que hoje se oferecem aos turistas realizou-se naturalmente, tal como se verificou com o património de outras épocas históricas. Contudo, no caso do património industrial, a sua exploração turística tem apresentado alguns aspetos particulares, que decorrem das suas próprias características.

3. 1. Visitas a fábricas

A visita a fábricas em laboração constitui uma realidade que já era posta em prática ainda antes da sua inserção no âmbito do turismo industrial, nomeadamente por grupos escolares ou em ocasiões especiais em que a empresa tinha interesse em mostrar as suas instalações. Na década de 1980 as visitas a fábricas começaram a ser estruturadas como uma oferta turística organizada, tendo-se desde então vindo a generalizar, constituindo hoje em dia umas das formas mais populares de turismo industrial. Na realidade, o turismo industrial, como forma de turismo cultural, pretende divulgar o património industrial, tanto o antigo como o atual. Uma das primeiras ações desenvolvidas para promover as visitas a fábricas no âmbito do turismo industrial foi desenvolvida na Grã-Bretanha, pela própria *Confederation of British Industry* com o lançamento em 1988 do programa “See industry at work” (English Tourist Board, 1988), que contou com apoio do *British Tourist Authority* e do *English Tourist Board*, com o qual se procurava adicionar uma nova dimensão à importante indústria turística do país. Em 1991 foi lançado um projeto-piloto, envolvendo dezasseis empresas da cidade de Sheffield, cujo sucesso fez com que o mesmo conhecesse desde então uma rápida expansão (Bramwell e Speakman, 1992). Em França, as primeiras iniciativas que ocorreram neste domínio pertenceram à fábrica da Peugeot

em Sochaux e à cervejaria Kronenbourg em Strasbourg, que permitiram o acesso de turistas às suas instalações.

Idênticos programas foram posteriormente lançados em vários países europeus, merecendo algum destaque o caso francês – onde o turismo industrial é frequentemente designado por turismo de descoberta económica, visando também a cultura científica e técnica – sendo a atividade de promoção de visitas a fábricas desenvolvida por um número significativo de comités departamentais e regionais de turismo daquele país, dos quais um dos mais conhecidos é o programa “Et voilà le travail !” criado em novembro de 2000 pelo Comité Departamental de Turismo de Seine-Saint-Denis, na região da Île-de-France (Região Parisiense). Os turistas são convidados a descobrir os diferentes “saber-fazer” desenvolvidos nas empresas, conferindo-se ao trabalho uma componente cultural, a qual, ainda que esteja sempre presente, na maior parte das vezes não é valorizada. O sucesso que estes programas têm vindo a conhecer, quer por parte do público – ultrapassando, frequentemente, os 100.000 visitantes (que pagam um bilhete de ingresso) por ano – confirma o enorme potencial de atração que o património industrial exerce, ao mesmo tempo que proporciona receitas não negligenciáveis às empresas – que aproveitam para potenciar a sua imagem, estimular o consumo, reforçar a fidelidade às suas marcas e, obviamente, vender os seus produtos a atrativos preços de fábrica – assim como às regiões onde as mesmas se localizam. Em França, há mais de 20 milhões de turistas que, anualmente, optam por passar as suas férias visitando fábricas. Para empresas como a EDF (Electricité de France), a comunicação com o grande público está incluída no seu orçamento anual, e o sucesso obtido tem sido impressionante. Segundo Bertrand Labes (2004), autor de um guia turístico de sítios industriais e técnicos, a unidade da EDF utilizando a energia cinética das marés de Saint-Malo, e a sua barragem 750 metros de comprimento, recebe a visita de 200.000 turistas por ano, constituindo a instalação

industrial mais visitada em França, seguida pela Airbus Industrie em Toulouse e a PSA Peugeot Citroën (Ekonomico, 2009). Correspondendo ao interesse manifestado, a própria EDF lançou na década de 1990 um conjunto de doze guias turísticos regionais consagrados ao turismo de descoberta económica, mas contemplando também museus e sítios de património industrial (Pierre, 2005). O sucesso obtido com estas edições foi tal que obrigou à sua reedição, pouco tempo após terem sido lançadas.

Uma das vantagens deste tipo de turismo envolvendo a visita a fábricas e outras instalações industriais resulta do facto de poder ser oferecido em permanência, ultrapassando um dos problemas associados a outros segmentos turísticos, que são exclusivos de determinadas estações, uma vez que se evita a sazonalidade e se garantem receitas mais ou menos regulares durante todo o ano. Há, no entanto, algumas desvantagens, assim como cuidados a ter na estruturação da sua oferta. No que respeita às desvantagens, as visitas a fábricas estão limitadas a alguns tipos de indústrias, principalmente vidro e cerâmica, alimentos e bebidas, têxtil e energia. Noutros setores, por exemplo, o da indústria pesada, as visitas são mais difíceis de realizar, se não mesmo impossíveis, quer por poderem perturbar a normal laboração, quer por razões de segurança dos visitantes. Quanto aos cuidados a ter na organização das visitas, têm a ver essencialmente com o facto de que o aspeto histórico e patrimonial – por conseguinte, cultural – não seja completamente obliterado pelo mero interesse em promover a venda dos produtos da empresa ou por uma simples ação promocional. É indispensável que antes da visita seja proporcionada informação aos visitantes sobre os aspetos históricos e patrimoniais da unidade em causa, e que as visitas sejam acompanhadas por guias. Felizmente, já são bastante frequentes os casos em que as próprias empresas dispõem deste tipo de serviços, assim como de pequenos centros de interpretação ou, mesmo, de museus de empresa.

3. 2. Rotas e itinerários turísticos

Uma das fórmulas melhor sucedidas no domínio do turismo industrial, e que tem revelado um grande potencial de atração de visitantes, é representada pelas rotas ou itinerários, as quais têm constituído as soluções preferenciais em inúmeros casos. Este tipo de oferta turística é constituído por um conjunto de locais – sítios industriais, museus, fábricas em laboração, património relacionado, em geral, com a temática da indústria –, organizados em forma de rede no âmbito de um determinado território, de forma a apresentarem um manifesto interesse turístico. As rotas de turismo industrial têm vindo a ser organizadas de acordo com dois critérios, que por vezes surgem associados no âmbito do mesmo itinerário: o critério temático – tendo por base um determinado setor industrial, que geralmente lhes confere a denominação – e o geográfico – ligando os vários elementos de património industrial existentes numa determinada cidade ou região.

Para se criar uma rota ou itinerário cultural nesta área é indispensável – para além de um profundo conhecimento do território e dos recursos existentes no âmbito do património industrial – definir uma estratégia adequada, assim como preencher vários requisitos de natureza financeira, institucional e organizativa. Sem a garantia destes requisitos, dificilmente se conseguirá elaborar um produto turístico com suficiente capacidade de atração e condições para ser explorado pelos visitantes de uma forma que não só contribua para a sua fruição cultural, como para o desenvolvimento socioeconómico sustentado da localidade ou região para a qual se propõe o itinerário. Tem sido este, infelizmente, um dos principais problemas com que se têm debatido uma boa parte dos projetos de turismo industrial que têm vindo a ser ultimamente apresentados em Portugal. O turismo constitui uma importante atividade económica, mas esta sua componente não deve divorciar-se das outras que também o integram, neste caso de natureza cultural e patrimonial, colocando em risco a própria viabilidade do produto final.

Deste modo, de acordo com Guillermina Fernández e Aldo Guzmán Ramos (2004), a organização de uma rota ou itinerário turístico com base no património industrial poderá permitir:

- Consolidar a cultura produtiva regional;
- Dinamizar as economias regionais e locais;
- Sensibilizar e consciencializar sobre a importância do património industrial para a recuperação da identidade das populações;
- Incorporar nos grandes circuitos nacionais outros circuitos turísticos localizados em espaços marginados;
- Preservar o património industrial e dar a conhecer condições de trabalho e processos técnico-productivos, atuais e passados;
- Promover o desenvolvimento produtivo local a partir de um Plano Estratégico para o património industrial e sua valorização turística.

Deste modo, é indispensável uma adequada planificação da rota que se pretende criar, elaborar um Plano Estratégico para a consecução da mesma, que contemple o necessário investimento, a apresentação e recuperação patrimonial dos sítios que a integram, respeitando e preservando a autenticidade das suas comunidades e causando o menor impacto possível sobre o meio ambiente, de forma a não só satisfazer as necessidades dos turistas como das próprias comunidades. Contrariamente ao turismo massificado, o turismo cultural constitui, de certa forma, um turismo selecionado, que procura oferecer ao visitante um produto que contribua para o seu deleite mas também para o seu enriquecimento cultural, através das trocas exercidas com as comunidades visitadas, um turista que explore a região – percorrendo a rota proposta – de uma forma paulatina e suficientemente prolongada, que tenha interesses culturais que o motivem a procurar conhecer “o outro”, que disponha de um certo poder aquisitivo que lhe permita consumir os produtos oferecidos – a nível do alojamento, restauração, etc. –, de forma a gerar riqueza, postos de trabalho e instrumentos para proteger e preservar o património industrial, contribuindo para a alme-

jada sustentabilidade socioeconómica dessa região. Torna-se, por conseguinte, imperiosa a existência de uma adequada planificação da rota, de forma a garantir todos estes requisitos e evitar uma eventual má experiência para o turista, a qual, a suceder, teria consequências negativas muito difíceis de recuperar e poderá aniquilar por completo a sua viabilidade.

O turismo apresenta uma reconhecida capacidade para regenerar territórios em crise, contribuindo para garantir a revitalização socioeconómica de regiões que entraram em depressão económica pelo encerramento das suas principais atividades industriais, como ocorreu na Europa, principalmente após a crise de 1973, e que tem vindo a ser posto em prática com sucesso através de vários projetos de turismo industrial, nomeadamente em antigas regiões mineiras, com base numa sua variante, o turismo mineiro.

Vejam, de seguida, alguns exemplos bem-sucedidos de itinerários de turismo industrial.

Como foi referido, o Conselho da Europa desempenhou um papel pioneiro na criação do turismo cultural, tendo incluído o património industrial logo no primeiro conjunto de itinerários que apresentou, a Rota da Seda, transformada em Rota do Têxtil em 1994. Desde então, e após a institucionalização do Instituto Europeu dos Itinerários Culturais no Luxemburgo, em 1998 – com base num acordo político entre o Conselho da Europa e do Grão-Ducado do Luxemburgo para assegurar a continuidade e o desenvolvimento do programa dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa –, têm vindo a ser continuamente criados novos itinerários, alguns deles no domínio do turismo industrial. Para além da homologação dos novos itinerários – propostos pelas mais variadas entidades dos países membros –, conferindo-lhes o seu “label”, o Instituto é também responsável pela organização de simpósios temáticos, colabora no desenvolvimento e gestão dos itinerários existentes, promove e participa encontros científicos, desenvolvendo uma atividade permanente que tem em atenção os vínculos entre a cultura, o turismo e o ambiente.

O Itinerário Cultural “Rota do Ferro nos Pirinéus”, criado para divulgar o património relacionado com as atividades metalúrgicas dos vales dos Pirinéus, foi um dos últimos homologados pelo Instituto, em 2006. Embora na sua origem apenas se contemplassem os sítios patrimoniais com tradição metalúrgica existentes em Andorra (Projeto “Os Homens do Ferro”, de 1996), quando aquela Rota foi estruturada como Itinerário Cultural do Conselho da Europa passou a englobar outros vestígios da atividade metalúrgica existentes na região pirenaica de França e de Espanha (Catalunha). Em França, incluiu as forjas de Montgailhard (Ariège) e de Arthez d’Asson (Aquitânia), e na Catalunha o Museu das Minas de Cercs e a Forja Palau de Ripoll. Finalmente, o Itinerário foi complementado com a inclusão do património de uma outra região de Espanha com uma forte tradição metalúrgica e siderúrgica, o País Basco, integrando vários sítios importantes, como o complexo mineiro de Aizpea, as ferrarias de Agorregui, de Ansotegi, de Bolunburu e de El Pobal, o Museu Mineiro do País Basco, ou a ponte suspensa de Biscaia, classificada como Património da Humanidade pela UNESCO em 2006.

A Espanha é um dos países onde, nos últimos anos, têm vindo a ser desenvolvidos inúmeros projetos de turismo industrial: Rotas da Lã (com sede em Bilbao), Rota da Construção Naval (em Ferrol), Rotas de Turismo Industrial existentes atualmente em Toledo, Alicante, Cádiz, Sevilha, Corunha, Segóvia, Barcelona, para além de outras rotas de âmbito mais circunscrito, como as Rotas das Chaminés, em Terrassa, Sant Martí (Barcelona), Jaén, Ontinyent (País Valenciano) ou Molina de Segura (Múrcia). Traduzindo esta aposta no turismo industrial, em maio de 2012, foi criada a Rede Espanhola de Turismo Industrial (RETI), com o objetivo promover os valores da cultura industrial através da criação de uma rede de âmbito nacional com todas as organizações que atuam no âmbito do turismo industrial no Estado espanhol, criando sinergias para impulsionar a oferta turística que cada uma delas apresenta. A criação desta Rede traduz também o reconhecimento que o turismo industrial tem conquistado, como elemento

de dinamização socioeconómica do território, procurando zelar pela qualidade deste tipo de oferta turística, colaborando e trocando conhecimentos e experiências entre os diversos parceiros que a integram, e compartilhando experiências com entidades congêneres a nível internacional. Para além disso, apresenta um outro objetivo, bastante ambicioso, que é o de conseguir o posicionamento de Espanha como destino de Turismo Industrial, permitindo deste modo combater um problema que afeta a atividade turística em Espanha, a sazonalidade, garantindo-a ao longo de todo o ano. Entre os itinerários de turismo industrial que já constituem uma oferta disponível efetiva, merece destaque a Rota do Turismo Industrial da Catalunha – em catalão, Xarxa de Turisme Industrial de Catalunya (XATIC) – que integra uma associação de 22 municípios, criada em 2005, como principal objetivo de gerar uma linha de atuação comum, pensada como instrumento de projeção, de atração de visitantes e de criação de atividades económicas e culturais em torno do turismo industrial.

Também em Portugal se têm vindo a desenvolver projetos no âmbito turismo industrial. Merecem um particular destaque a Rota da Cortiça, baseada em S. Brás de Alportel, no Algarve – disputando turistas à mais importante oferta turística de Portugal com base no sol e na praia, característica desta região do sul do país –, e os Circuitos pelo Património Industrial de S. João da Madeira, uma pequena cidade industrial cerca de 30 Km a sul do Porto.

Promovida pela Associação Rota da Cortiça – integrando o Município de S. Brás de Alportel, a Associação de Industriais e Exportadores de Cortiça, a Associação de Agricultores de S. Brás de Alportel, a Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão, a Santa Casa da Misericórdia de S. Brás de Alportel, a Associação “In Loco” e a Região de Turismo do Algarve – a Rota da Cortiça assenta em seis polos temáticos – património, natureza, vida rural, tradição, inovação e conhecimento –, cada um deles abordando o ciclo da cortiça nas suas múltiplas vertentes. Percorrendo os vários itinerários desta Rota o turista toma contacto com todas as facetas

da atividade corticeira, do sobreiral até à fábrica, com as técnicas de preparação e transformação da cortiça, mas também com as plantações de sobreiros e as paisagens que lhes estão associadas, com a própria atividade dos corticeiros, as suas memórias e tradições, podendo ainda aprofundar os seus conhecimentos sobre o setor corticeiro no Museu de São Brás de Alportel ou no Pólo do Conhecimento do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Sustentado.

Os Circuitos pelo Património Industrial de S. João da Madeira constituem um projeto de turismo industrial promovido pela Câmara Municipal de S. João da Madeira, que disponibilizou um importante investimento inicial, de cerca de 600 mil euros, para a sua criação. A partir do Welcome Center – localizado na magnífica Torre da Oliva, uma importante fábrica de fundição fundada em 1925 – o turista pode obter todas as informações de que necessita, efetuar reservas para visitar as fábricas que integram os Circuitos, solicitar o serviço de um guia, consultar uma mesa interativa com informações sobre os Circuitos ou, ainda, elaborar previamente o itinerário dos sítios que pretende visitar. Entre estes, contam-se fábricas de sapatos, de chapéus, têxteis, para além da única fábrica de lápis existente em Portugal, que ainda produz com máquinas antigas – constituindo um valioso conjunto patrimonial, ao nível do património industrial –, e um dos melhores museus industriais de Portugal, o Museu da Chapelaria onde, inclusivamente, o visitante pode fabricar o seu próprio chapéu.

Finalmente, e tendo em consideração o limite de exemplos que aqui podem ser apresentados, importa referir uma das mais importantes e bem conseguidas propostas de turismo industrial: a Rota Europeia do Património Industrial (*European Route of Industrial Heritage* – ERIH). Este projeto, que se iniciou em 2002, tem como objetivo valorizar o rico e diversificado património industrial europeu através do seu aproveitamento para fins turísticos, tendo surgido da iniciativa de um grupo de académicos, que contou com a colaboração de várias entidades envolvidas no património industrial e, também, de agências

turísticas. Aspeto importante, o lançamento da ERIH só foi possível graças a um avultado financiamento da União Europeia, através do programa INTERREG, que permitiu o seu funcionamento durante os primeiros cinco anos. A ERIH constitui uma rede internacional de rotas dos mais importantes sítios industriais europeus, envolvendo mais de 850 sítios patrimoniais em 32 países, alguns deles classificados pela UNESCO como Património da Humanidade.

Uma particularidade interessante apresentada pela ERIH consiste no excelente aproveitamento que faz da Internet, com a criação de uma muito completa e atrativa página *Web*, permitindo uma eficaz comunicação com os potenciais visitantes dos sítios e rotas oferecidas. Cada uma destas é estabelecida com base na criação de um “ponto âncora” – o coração da ERIH –, o qual pode ser representado por um sítio patrimonial, um museu industrial, ou outra atracção turística no âmbito do património industrial, desde que disponha das necessárias infraestruturas turísticas e garanta uma oferta cultural diversificada. Atualmente existem 72 “pontos âncora”, dos quais derivam inúmeras rotas alternativas, que podem ser de âmbito temático ou regional, apresentando as várias facetas da sua história e património industriais. Embora na sua página estejam contemplados 32 países europeus, nem todos integram efetivamente a ERIH, como é o caso de Portugal, estando, no entanto, a decorrer negociações nesse sentido, no sentido de corresponder ao interesse dos responsáveis da ERIH em alargar o seu âmbito à Europa do Sul.

4. Turismo industrial: um mundo a descobrir, um mundo a explorar

Paralelamente ao crescente número de projetos de turismo industrial que têm surgido nos últimos anos verifica-se, concomitantemente, um reconhecimento da sua importância e potencialidades, traduzido em inúmeras e variadas manifestações, que aqui importa salientar.

Em 2011 a União Europeia consagrou o Dia Europeu do Turismo (27 de setembro) ao tema “Património industrial: diferenciar a oferta de turismo europeu”, tendo realizado em Bruxelas uma conferência sobre turismo industrial que contou com a presença de um painel de oradores de alto nível, bem como de ministros da UE, representantes dos Estados-Membros e organizações internacionais que atuam no âmbito do património industrial e do turismo, líderes de projetos, políticos, autoridades locais e regionais, universidades, operadores de turismo e imprensa especializada. Segundo os organizadores, o evento constituiu uma oportunidade para discutir como a preservação do património industrial europeu pode proporcionar a diversificação da oferta turística e constituir uma das chaves para o desenvolvimento sustentável do turismo numa região, contribuindo tanto para a criação de novos empregos como para a preservação dos testemunhos de uma componente importante da história da Europa. A Conferência, organizada em torno de quatro painéis – i) estratégias de turismo industrial e principais *players* internacionais, ii) promoção do património industrial e novas soluções de turismo, iii) turismo industrial – desenvolvimento local e políticas sustentáveis, e iv) turismo industrial e desenvolvimento local – mercados de “nicho” e produtos turísticos inovadores –, culminou com a apresentação dos “Destinos Europeus de Excelência”, premiados em 2011 na categoria “Turismo e Regeneração Física de Sítios”, uma área em que o turismo industrial pode constituir uma das principais alternativas para evitar perdas de emprego e situações de depressão económica em áreas industriais abandonadas.

Em Espanha, que se tem mostrado bastante ativa na área do turismo industrial, foi organizada em fevereiro de 2011, em Talavera de la Reina (Toledo), a I Feira Ibérica de Turismo Industrial, precisamente com o objetivo de fomentar este tipo de turismo baseado na divulgação do património industrial de um território. A Feira, organizada pela Câmara de Comércio e Indústria de Toledo com patrocínio da Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, foi

um êxito, contando com mais de 2.000 visitantes. Participaram no certame 45 expositores e coexpositores portugueses e espanhóis, tendo o certame contribuído para consolidar a comercialização da oferta de turismo industrial, para a criação de um evento que sirva de ponto de encontro para os agentes envolvidos neste tipo de turismo, a fim de se constituir um ponto de referência da oferta para agências e operadores turísticos.

Também no que respeita a encontros científicos, o turismo industrial tem registado uma atividade crescente, principalmente nos últimos anos. Para além da Conferência anual da *European Route of Industrial Heritage*, têm vindo a assumir um particular destaque as várias edições do Congresso Europeu de Turismo Industrial, de periodicidade bianual, que em novembro de 2012 se realizará em Portugal, em S. João da Madeira, após os bem-sucedidos Congressos realizados em Angers (França, 2006), Toledo (Espanha, 2008) e Turim (Itália, 2010). A edição de 2012 apresenta-se, contudo, mais ambiciosa, uma vez que para além do programa científico os seus trabalhos visam também a criação da Rede Europeia de Turismo Industrial.

Finalmente, destacamos um importante contributo trazido recentemente pela Espanha, através do *Instituto para la Calidad Turística Española* (ICTE), a criação de uma Norma para o Turismo Industrial – UNE 302001 –, com a qual se pretende regulamentar a prestação de serviços nesta área. O ICTE é um organismo de certificação de sistemas de qualidade especialmente criados para empresas de turismo, integrando as mais importantes associações turísticas espanholas, a Secretaria de Estado de Turismo, as Comunidades Autônomas e a Federação Espanhola de Municípios e Províncias. O ICTE é responsável pela certificação, administração e verificação do uso correto da marca “Q”, a qual representa a qualidade no setor turístico espanhol. Os estabelecimentos avalizados pela marca “Q de Qualidade” passaram por auditorias rigorosas as quais asseguram que a sua prestação de serviço é garantia de qualidade, segurança e profissionalismo.

Tudo isso para garantir aos visitantes e clientes a melhor experiência turística possível.

Com a adoção da Norma para o Turismo Industrial, o setor do património industrial passará a fazer parte dos serviços de turismo certificado, o que abre excelentes perspectivas para o incremento da sua comercialização. A Norma UNE 302001 contempla não só as atividades de caráter mais básico, como as visitas guiadas pelo sítio industrial, mas também a oferta de serviços complementares que agregam valor à experiência global do visitante, ou seja, todos os serviços de turismo industrial, visitas a fábricas (musealizadas ou em atividade), visitas ao património industrial ou uma combinação de ambos.

Em jeito de conclusão, cremos que é fácil constatar o enorme potencial que o turismo industrial apresenta, como o comprova o crescente surgimento de projetos nesta área, ocorrido nos últimos anos. Importa, no entanto, garantir que estes preencham os requisitos necessários para o seu sucesso, não apenas para se garantir a salvaguarda do património industrial visitado, como para a promoção do desenvolvimento socioeconómico das regiões onde os mesmos se estabelecem.

Referências

- Bramwell, B., e Speakman, L., 1992, *Sheffield Works: An Evaluation of a Factory Tourism Scheme*, Sheffield City Polytechnic, Centre for Tourism, Occasional Paper, Sheffield.
- Ekonomico*, 2012, *Tourisme industriel: EDF et PSA en tête*, [www.ekonomico.fr/2012/06/tourisme-industriel-edf-et-psa-entete], (Site acedido em 22 de junho de 2012).
- English Tourist Board*, 1988, *See industry at work. Bringing the opportunities and benefits of tourism to modern British industry*, English Tourist Board, London.
- Fernández, G., e Ramos, A., 2004, *Patrimonio industrial, turismo cultural y rutas turísticas para un desarrollo local sustentable*, *Caminhos de Geografia*, Vol. 8(11), pp.114-129.
- Labes, B., 2004, *Guide des Sites Industriels et Techniques*, Horay, Paris.
- Pierre, C., 2005, *Du tourisme industriel à la visite d'entreprises*, *La Lettre de l'OCIM*, Dijon, (101), pp. 18-25.
- Soyez, D., 1993, *Industrietourismus – neue Chance für alte Industrieregionen ?*, in Becker, Ch., e Steinecke, A., *Megatrend Kultur ? Chancen und Risiken der touristischen Vermarktung des kulturellen Erbes*, Europäisches Tourismus Institut GMBH an der Universität Trier, Trier, pp. 42-56.